

A Cultura Hispano-Americana na Imprensa Brasileira¹

Sebastião Guilherme Albano da Costa²

Leandro William Pires Travassos³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Resumo

Este é o resultado de uma pesquisa iniciada nos anos 2000 e retomada em 2011. Sua primeira parte, realizada antes da emergência das novas mídias, culminou em signos que reclamaram uma interpretação que a estatística apenas insinuou. A fim de aquilatar o tipo de informação acerca da cultura hispano-americana publicada na chamada grande imprensa brasileira e vincular os resultados a argumentos de viés histórico e geopolítico, percebeu-se a quase inexistência de matérias publicadas sobre as expressões culturais dos países vizinhos, dado que desenhava por si mesmo os critérios dos diários e revistas observados e, como consequência, a relevância atribuída pelo Estado brasileiro aos países mencionados. O que apresentamos agora são dados de inícios dos anos 2000. O trabalho completo, com números e contexto de 2011, está em avaliação e deverá compor nossa apresentação de 2013 neste Grupo.

Palavras-chave

Imprensa; cultura hispano-americana; geopolítica; dependência.

O presente texto está embasado em um estudo que constatou a escassez de menções acerca da produção literária e cultural hispano-americana em geral em três jornais brasileiros de circulação nacional e uma revista, a saber, *Correio Braziliense*, *Folha de São Paulo* e *O Globo*, todos com seções de entretenimento e encartes literários semanais importantes, e a revista *Cult*, publicação mensal especializada em literatura. Prefigurado esse parâmetro, parece pertinente anteceder a descrição com uma sentença que foi proferida pelo intelectual peruano Simón Rodríguez em 1828 e que em suas linhas gerais permanece vigente malgrado a mudança do eixo de ingluências: “Vea la Europa como INVENTA y la América como IMITA” (1954, p. 91). Convém comentar que as conclusões desta fase da pesquisa são pertinentes para uma mensuração do estado das coisas no primeiro decênio do século XXI, os anos 2000, de modo que hoje deve ser lida como uma lente historiográfica. Apresentaremos estas conclusões agora e o restante da pesquisa, concernente ao ano de 2011, em ocasião próxima. Portanto, este trabalho é

¹ Trabalho apresentado no GP Mídia, culturas e tecnologias digitais na América Latina no XXXV Intercom.

² Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN – sgac@ufrn.br

³ Bolsista de Iniciação Científica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN

um preâmbulo para confirmar uma tendência que não cremos ser a mesma. Ademais de circunstâncias internacionais que adiante referiremos, a aprovação da lei 11.161 em 2005 que dispõe sobre a obrigatoriedade da oferta da disciplina de língua espanhola nas escolas do ensino médio no Brasil semeou um futuro de aproximação com os vizinhos.

Às expensas da maior pertinência de correntes específicas dos estudos jornalísticos, tais como a *Newsmaking* ou a *Agenda-Setting*, optamos por adotar aqui uma posição inspirada na História, nos Estudos Culturais e na Teoria da Recepção como sustento epistemológico para legitimar, mesmo que subliminarmente, as circunstâncias que as amostras estatísticas não dão conta. Deve-se a escolha à crença de que, mesmo que todas essas correntes suscitem conclusões de interesse, as duas primeiras regem-se por iniciativas que se perfilam no cambiante campo da psicologia social. Já os Estudos Culturais e a Teoria da Recepção convergem num método que contempla a multiplicidade de códigos implicados nas mensagens *mediáticas*, mas apostam numa espécie de *unicidade complexa* da sua significação, o que consideramos ser mais apropriado aqui. Em verdade, queremos dizer com isso que a demonstração dos números obtidos foi encarnada em uma interpretação de cunho sociológico.

Por último, comentamos que se em estudos como estes o fator estético deveria ser o mais relevante por considerar o fenômeno da recepção em arte e literatura, esse estímulo estético foi incorporado ao discurso abrangente das ciências sociais por tratar-se de recepção *pela imprensa*. Esta é entendida como um gênero discursivo amplo que realiza a apreensão dos conteúdos sociais mediante estruturas particulares que encerram, entre muitos outros, componentes sócio-econômicos, retóricos e estéticos. Isso porque as conclusões sobre a recepção das manifestações da arte e da literatura nos países hispano-americanos pelo *Correio Brazileinse*, *Folha de São Paulo*, *O Globo* e a *Cult* foram inequívocas ao corresponderem à pouca influência política e econômica que os países hispânicos e lusos exercem no mundo contemporâneo, a despeito de sua boa tradição nas séries consideradas simbólicas, como a arte e a literatura.

Não é falta de pudor dizer que a economia política reveste todas as instâncias da sociedade, inclusive os processos de elaboração estética. É desolador perceber que tal fenômeno em nossos dias ganha um feitio exacerbado, como anteciparam os intelectuais da chamada Escola de Frankfurt ao ponderar o uso da categoria de cultura popular na

classificação de certa produção simbólica da sociedade moderna e preferir cunhar a noção de indústria cultural, termo que supunha as contradições de nosso formato de civilização. Na atualidade, Frederic Jameson, por exemplo, estima que experimentamos os estertores da modernidade e vivemos sob os auspícios da pós-modernidade ou de uma *lógica do capitalismo tardio* (1997), que em suas palavras soa como um sistema fechado. A despeito da qualidade das asserções, há muito tempo autores latino-americanos debatem o tema, mas quase ninguém os ouve. Nomes como Alfonso Reyes, Pedro Henríquez Ureña, José Carlos Mariátegui, José Maria Arguedas, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Ezequiel Martínez Estrada etc., foram os precursores de um pensamento sobre a modernidade na região. Na atualidade, Beatriz Sarlo, Nelly Richard, José Joaquín Brunner, Nestor García Canclini, entre muitos outros, correspondem a essa tradição.

O idioma castelhano está entre os quatro mais falados no mundo e nem por isso tem estatuto privilegiado em algum foro das relações internacionais. Ocorre algo semelhante com o português, fato que redundava no axioma de que o número de praticantes de um idioma não oferece nenhuma prerrogativa favorável em momentos de tomada de decisão em cúpulas políticas e econômicas multilaterais. Cerca de 400 milhões de pessoas falam espanhol nos mais de 20 países em que é o idioma oficial, afora os Estados Unidos e as Filipinas, que contam com contingentes importantes de *hispano hablantes*. Cerca de 300 milhões de pessoas tem como primeira língua o português, falado em oito países em quatro continentes. O espanhol é o idioma neolatino mais utilizado no mundo, seguido do português. Juntos, seus praticantes se aproximam a um bilhão de pessoas.

Cabe recordar que a instância executiva *de fato* da Organização das Nações Unidas (ONU), o Conselho de Segurança, não conta com nenhum representante hispânico ou lusófono entre seus membros permanentes, mesmo que ambos os idiomas juntos correspondam ao falado pela população da América Latina, à parte de Espanha e Portugal, vastas regiões da África e enclaves na Ásia. O formato de sociedade em que vivemos privilegia uma série de valores cuja origem é atribuída sobretudo à civilização anglófona, o que torna a alteridade uma dissidência cultural apesar do discurso multiculturalista. Inclusive no âmbito das publicações chamadas científicas, o grosso dos estudos são realizados em inglês, a língua franca na sociedade do conhecimento. De acordo com o *Jornal da UNICAMP*, 6-12 de dezembro de 2004, nos Estados Unidos

produziram-se 243.269 mil artigos científicos indexados em 2000, o que significou 34 por cento do total. No entanto, se fosse contada a produção em inglês realizada fora dos Estados Unidos, o percentual aumentaria substancialmente. Essa posição já foi ocupada pelo latim na construção do mundo cristão e pelo francês durante a infância das repúblicas laicas modernas.

Sabe-se que a imprensa é um gênero da comunicação de massas que tem como um de seus princípios ser uma mediação entre os interesses e valores das esferas pública e privada. De outro lado, quando se trata da chamada grande imprensa -meios cujo alcance físico é proporcional a sua influência ideológica- tem-se a impressão que pretendem desempenhar seu papel de representação dos fatos com certo equilíbrio de opiniões. Todavia, sabe-se também como esse requisito se torna relativo diante de uma série de fatores, muitos deles inconscientes. Por exemplo, nesta investigação verificamos a hipótese de que os grandes jornais brasileiros tendem a reproduzir uma agenda cultural subordinada a critérios alheios tanto ao valor estético das obras de arte e literárias que são resenhadas em suas páginas, como à patente proximidade histórica e sobretudo geográfica dos países hispano-americanos. Talvez fosse prudente recorrer às reflexões sobre a colonização do imaginário de Serge Gruzinski, ou mesmo aos avatares da noção de território (territorialização-desterritorialização) ponderados por Milton Santos, mas preferimos cingir os comentários a reflexões teóricas menos abrangentes.

Certamente a discussão se enriqueceria com a entrada das noções de colonização do imaginário, cunhada por Serge Gruzinski em livro homônimo traduzido por Beatriz Perrone-Moisés na edição da Companhia das Letras, 2003. Também se incorporasse as reflexões de Jesús Martín Barbero, Nestor García Canclini ou Walter Mignolo sobre a territorialização do imaginário, ou desterritorialização propiciada pelos meios de comunicação de massa etc., mas cremos que não são vertentes que possam redundar em conseqüências produtivas aqui. Talvez um livro que valesse mesmo uma referência fosse *A natureza do espaço*, de Milton Santos (São Paulo, Hucitec, 1996), onde estabelece a necessidade de haver uma referência de tipo espaço-cultural para o equilíbrio das relações sociais no mundo cuja dinâmica da economia se tornou global, transnacional etc., e a percepção de espacialidade e de pertença cultural (territorialização simbólica do espaço habitado) se transformou bastante.

Com os números da pesquisa em mãos, de pronto concluímos ser uma anomalia o fato de apenas dois escritores hispano-americanos escreverem com certa frequência nos jornais mencionados, o cubano Juan Pedro Gutiérrez, em *O Correio Braziliense*, e o argentino Juan José Saer, para *A Folha de São Paulo*. Sabemos que às vezes apareciam textos de Vargas Llosa, de Carlos Fuentes, do político e escritor mexicano Jorge Castañeda etc., mas careceria de um esforço mnemônico dizer outros nomes naquela época. Os ibéricos escasseavam também e os africanos pareciam não existir.

Antes de apresentarmos os números e seus argumentos implícitos façamos outro interregno de contextualização. É do conhecimento comum que o próprio estado brasileiro parece manter uma relação histórica conflituosa com a posição geográfica do país. Bastaria evocar nossa independência relativa, sem mudança substancial no regime político monárquico, em muito diversa às revoluções sanguinárias e definitivas ocorridas nos vizinhos. Esses, a exceção de Cuba e talvez do Uruguai, segundo o enfoque, eram já repúblicas autônomas antes de nosso ambíguo distanciamento da metrópole portuguesa. Com efeito, o fato de entre 1822 e 1889 nos mantermos em consonância com um sistema político de feição português inclusive parece um dado que foi e ainda é motivo de certa jactância entre alguns brasileiros que insistem em aventar hipóteses esdrúxulas para a nossa especificidade no cenário latino-americano.

Nosso afã de alheamento simbólico do espaço que habitamos, uma corrente de perfil conservador, tem seu histórico ilustrado pela obra de Manuel Bonfim que em 1905 disse ser a América Latina uma região com “males de origem”, portanto com atributos quase irrecuperáveis (1993). Cremos que desde então os brasileiros almejam se apartar dessa denominação fronteiriça. À revelia da negativa explícita no livro, Manuel Bonfim reproduz um sistema de interpretações tergiversadas das teorias do biólogo Charles Darwin em seu *A origem das espécies* (1858), sistema em muito suscitado por uma série de ressonâncias nas ciências sociais e humanas da época, cujo caso mais sonoro talvez seja o do filósofo Herbert Spencer, para quem os pobres eram seres inferiores *biologicamente*. Sem pretensão de sermos exatos, cremos que esse regime de idéias pode ser o germe para que até hoje alguns brasileiros se excluam, especialmente na fala cotidiana, do gentílico latino-americano.

Esse é um subtexto que também flui nas entrelinhas do discurso jornalístico sobre a comunidade de países hispânicos e pode se materializar na pouca ocorrência de assuntos relacionados com eles nos diários brasileiros no período pesquisado e no teor negativo que esses insinuam quando presentes. Esquecem-se os editores de cultura, por exemplo, que a literatura hispano-americana conta com cinco prêmios Nobel, enquanto o idioma português apenas um, José Saramago, e o Brasil, com nenhum. E prêmios Nobel são, definitivamente, um grande assunto para a imprensa.

Ressaltamos outra vez que este trabalho não enfatiza apenas valores estético-literários, mas postulados geopolíticos. Tentamos evitar a criação de uma categoria extravagante como estético-geopolítico e, como consequência, a necessária e quase óbvia explicação que ela requereria. No caso da literatura, pode-se afirmar sem ironia que os livros e os autores hispano-americanos têm menos espaço que a tradição de países eslavos, por exemplo. Historicamente, Fiodor Dostoievski, Franz Kafka (judeu tcheco de expressão alemã) e Leon Tólstoi são na imprensa brasileira mais aludidos que Miguel de Cervantes e Francisco de Quevedo. Se em princípio temos mais afinidades com os argentinos e mexicanos do que com os países eslavos, os seus conteúdos culturais parecem merecer maior atenção. O motivo poderia estar em que essas literaturas, com obras produzidas por sociedades exóticas quase em qualquer parte do mundo, salvo em seu raio de influência geográfica imediata, curiosamente têm maior prestígio e espaço na imprensa das nações hegemônicas, particularmente nos Estados Unidos. Reiteramos que esse é apenas um exemplo.

Indo a alguns números recolhidos no período mencionado, o jornal *Folha de São Paulo*, em sua seção cultural diária “Ilustrada” e no suplemento literário de domingo, o “Mais!”, dedica em 17 de abril uma nota revivendo a querela do escritor mexicano Carlos Fuentes e do norte-americano Samuel J. Huntington, este último criador do conceito de *choque de civilizações* que explicaria as diferenças de visão de mundo entre o Ocidente e o Oriente e representaria o principal motor de rivalidades no século XXI. Samuel Huntington, *grosso modo*, escreveu artigos e um livro (1996) que defendiam uma tese em que os hispânicos, notadamente a maioria mexicana, estariam descaracterizando a sociedade norte-americana, pelo que Carlos Fuentes o chamou de fascista. Essa

escaramuça era outro bom mote para a imprensa e mesmo assim não teve corolário no Brasil.

Para acirrar o tratamento dado ao tema, ou a falta de seu tratamento pela imprensa brasileira, acrescentamos que já na década de 1970, Edward Said (1978) indicava que, em verdade, o Oriente que todos nós parecemos conhecer, e que evocamos a cada alusão a um texto ou um filme produzido no Irã, na Índia ou na China, ou mesmo a um romance de Joseph Conrad e Rudyard Kipling, não era outra coisa senão uma invenção do Ocidente. Aliás, Said apenas reproduz o que Sérgio Buaque de Hollanda (2000) disse antes, em *Visão do paraíso*, sobre a noção quimérica que os europeus têm do nosso continente e que o mexicano Edmundo O’Gorman resumiu em *A invenção da América* (1958).

Bem, no dia 18, o suplemento “Mais!”, no qual, como dissemos, mensalmente colaborava o argentino Juan José Saer, publicou uma entrevista com o chileno Ariel Dorfman, em razão do seu livro *Memórias do deserto*. No dia 24, a “Ilustrada”, também da *Folha*, fez menção à obra do filósofo mexicano Gabriel Zaid, *Livros demais* (1996) traduzida ao português, e no dia 27, Bernardo Carvalho lembrou da nova edição dos *Diários Argentinos*, de Witold Gombrowics, escritor polonês que viveu muitos anos como exilado no país vizinho do Brasil.

No caso de *O Globo*, na seção diária *Segundo Caderno* e no suplemento *Prosa e Verso*, no dia 17 de abril publicou-se um artigo sobre o livro de Ricardo Piglia, *Formas breves*, e apenas isso, em um mês!

No *Correio Braziliense* a situação não difere. Em 10 de abril, no suplemento literário de sábado, o “Pensar”, o jornal dedicou espaço ao poeta peruano Antonio Cisneros, autor de *Comentários reais*. No dia 13, a seção “C”, de cultura e entretenimento, falou da edição de *Textos recobrados*, o terceiro da série que agrupa a obra não publicada de Jorge Luis Borges entre 1956 e 1986.

Todavia, antes de encerrarmos esses comentários lacônicos sobre a pesquisa nos jornais, convém alistar as outras menções a temas da cultura da região. O filme de Walter Salles, *Diários de Motocicleta*, sobre o périplo de Ernesto Che Guevara pela América do Sul, e que sugere um período de aprendizado e consciência política do revolucionário,

teve destaque em várias edições, com a ressalva de que o diretor é brasileiro, malgrado o tema seja do âmbito hispânico.

No dia 21 de abril, o cineasta argentino Fernando Solanas (*Tango, o exílio de Gardel*, 1985) também mereceu grande atenção de parte do “Segundo Caderno”, posto que se encontrava no Rio de Janeiro para uma série de palestras e cursos. Em 23 o filme *Sexo com amor*, êxito de bilheteria no mundo todo, do chileno Boris Quercia, teve um pequeno espaço nessa seção. Lançamentos em dvd dos filmes do diretor *tex-mex* Robert Rodríguez e dos shows da colombiana Shakira, radicada em Miami, foram notificados em 09 de abril pela “Ilustrada” e 27 do mesmo mês pelo “Segundo Caderno”. A seção “C” de *O Correio Braziliense* publicou em 19 de abril uma nota sobre uma telenovela mexicana que seria adaptada pelo SBT e ganharia o nome de *Teus olhos*.

No que concerne a temas de forte conotação política (ideológica), embora publicados nos espaços dedicados à arte e ao entretenimento, em 07 de abril a “Ilustrada” informou que a MTV faria uma *paródia* das telenovelas mexicanas, e no dia 09, que John Malkovich estrearia como diretor em um filme *malogrado* sobre a luta armada no Peru, *Guerrilha sem face*. No dia 17 voltou a pendenga Fuentes-Huntington já referida e, em 22, o colunista José Simão glosou em tom de escárnio os comentários acerca do problema de Maradona com as drogas e sua recuperação. No caso de *O Globo*, a colunista Cora Rónai intitulou um artigo denunciatório “A Colômbia não se fez em um dia”, de 22 de abril, em que comparou a guerra civil de mais de quarenta anos da nação vizinha com a violência no Rio de Janeiro. Cumpre recordarmos que mais recentemente, desde fevereiro de 2005, foi tema corrente a chamada *mexicanização* da política brasileira, devido aos escândalos de propinas para políticos do alto escalão do governo e do partido do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o PT, antes arautos da moralização do manejo do erário público.

Na revista *Cult* a situação não distou muito do anterior, salvo incursões esporádicas em temas que relacionaram o Brasil com os países vizinhos imediatos ou com a Espanha. Quando dizemos países vizinhos nos referimos à Argentina, escamoteando paraguaios, bolivianos, colombianos etc., por não falarmos da alta literatura caribenha, mexicana ou centro-americana. No período de análise, entre outubro de 2000 e agosto de 2002, no primeiro número revisado, outubro, havia um dossiê sobre

Julio Cortazar. Em dezembro de 2000 encontrou-se um depoimento de Eduardo Galeano, e em fevereiro e 2001 uma bela tradução do poema “Altazor”, do chileno Vicente Huidobro, por Antônio Ribeiro, com ilustrações. Em abril de 2001 houve um dossiê sobre a literatura Argentina, em maio desse ano houve uma edição com Eduardo Subirats e menções à Bienal dedicada à língua espanhola e, em junho de 2001, comentou-se a empatia da literatura rio-grandense do sul com a argentina. Em julho aparecem notícias sobre as traduções existentes de textos argentinos e brasileiros em ambos os países e, depois, silêncio outra vez. Percebe-se, portanto, que 2001 se tornou então um ano extraordinário para a literatura em espanhol no que se refere à atenção da *Cult*, muito embora tenha-se confinado às fronteiras imediatas e aos grandes nomes da literatura do Cone Sul, como Cortázar, Galeano, Huidobro etc., já bem esquadrihados pela crítica e pelo público.

Para compensar, cumpre dizer que a situação não é diversa em relação à nossa literatura nos países hispano-americanos. Poucas traduções e pouca divulgação fazem do Brasil “Uma ilha duplamente desgarrada”, título de um artigo de Luiz Costa Lima publicado no “Mais!” em 07 de maio de 2000 acerca do nosso caráter insular. Mas acreditamos, apenas em uma leitura sem compromissos, que haja mais evocações ao Brasil nos países hispânicos do que o contrário. Em geral, nossa imagem é menos desprezada pelos jornalistas hispânicos, que se deixam seduzir -e confundir- pelas belezas naturais amazônicas, as mulatas, a bossa-nova e a excelência futebolística, aliás esporte tratado como um gênero artístico pelos jornalistas.

De acordo com Luiz Costa Lima é, mesmo assim, fato consumado sermos pouco conhecidos tanto pelos países vizinhos, que compartilham história e espaço conosco, como pelos países hegemônicos. Inclusive, no caso das universidades norte-americanas, há uma tendência a confinar a literatura brasileira ao programa de estudos hispânicos, enfeitando-nos da especificidade da nossa cultura e dificultando a aproximação dos possíveis interessados em conhecer nossas produções. Assim, se entre nós não há iniciativas de conhecimento mútuo, nos Estados Unidos somos estranhamente reunidos pelos mesmos motivos: indiferença, ignorância, desprezo, preguiça.

As disfunções parecem ocorrer por vários motivos, mas todos permeados por parâmetros da economia-política, que apenas às vezes promovem a apreensão da obra de

arte ou da obra literária como valor cultural ou estético complexo, ou como produto de uma educação sentimental particular de uma região que pode ser abordada analiticamente como uma *unidad cultural*, conforme o termo do crítico Angel Rama (1974), mas que certamente carece de iniciativas de autoconhecimento que propiciassem uma melhor visão do conjunto. O certo é que os estudos comparativos que logram problematizar esses tópicos, quando assumem um tal projeto epistemológico nos departamentos de ciências sociais e humanas, acabam ganhando um viés de resistência algo incômodo e até anacrônico, mais ainda quando não conseguem sequer formular a questão: resistência a quê?

Pensemos agora na já obsoleta situação projetada por Harold Bloom, por exemplo, no livro *The Western Canon (O cânone ocidental)* (1994). Em sua tarefa de classificar o paradigma do gosto literário no mundo, em língua portuguesa atribuiu algum valor apenas a Carlos Drummond de Andrade entre os grandes autores latino-americanos. Recentemente, lembrou-se de Machado de Assis, a quem, por exemplo, Carlos Fuentes considera o maior escritor da região no século XIX. Percebe-se portanto que o lugar de onde se emitem os juízos ganham relevância argumentativa e o jornalismo cultural brasileiro deveria ensinar uma espécie de revisionismo em seus padrões, tanto estéticos como os da *noticiabilidade*. Constata-se que na sociedade contemporânea a resistência é contra a hegemonia discursiva, sustentáculo das práticas da economia-política.

Em sentido mais pontual do que o já aludido sobre a territorialização, estão os estudos de Gayatri Spivak em *In Other Worlds: Essays in Cultural Studies*, Nova York, Methuen, 1987, “Can the Subaltern Speak?”, em *Marxism and the Interpretation of Culture*, Cary Nelson e Lawrence Grossberg (eds.), Urbana, University of Illinois Press, 1988, e “Politics of the Subaltern”, em *Socialist Review* 20, n. 3., 1993. Entre nós, cremos que Walter Mignolo incorre em exame da categoria de subalternidade também em relação com o lugar da elocução dos enunciados, entre outros em *Historias locales/diseños globales. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*.

O jornalismo brasileiro de alguma maneira ainda replica formatos cognitivos residuais da colônia, ao menos da época em que os enunciados da modernidade começavam a ganhar substância na vida cotidiana dos países centrais e entre nós ainda se anunciavam apenas. Sem xenofobia, os historiadores advertem para o fato de que

geralmente eram os alemães, os franceses, os britânicos e os norte-americanos os que mais se indagavam sobre o que nos ocorria, atribuindo-nos valores segundo suas perspectivas, devido a que não lográvamos formular soluções *racionales* para as circunstâncias em que se produziam as textualidades que articulavam nossa especificidade. O fato de que no continente a criação do estado moderno tenha se antecipado à criação da nação, conforme recorda Jorge Castañeda (1993), revela o processo de decretação de parte de nossa identidade pelos setores que controlavam os meios de produção e reprodução de idéias. Algo começa a ocorrer agora com o assalto da academia estadunidense por intelectuais asiáticos e latino-americanos que, decerto, não estão confinados apenas aos departamentos de estudos culturais -o que poderia sugerir acepções de tolerância étnica, uma espécie e simpatia como a que se tem pela *world music*-, dado que os sobrenomes paquistaneses, hispânicos, cingaleses, chineses entre os pesquisadores das chamadas ciências duras confirmam a impressão.

Pode-se afirmar que nos últimos tempos, a pauta histórica de reflexão na América Latina – dependência econômica e cultural, políticas para homogeneização de relações inter-raciais, modos alternativos de racionalidade etc.- ganharam visibilidade nas discussões mundiais, inclusive sem o chamativo viés miserabilista dos estudos mais contundentes do pós-colonialismo ortodoxo, como *Os condenados da terra*, (s/d) de Frantz Fanon, por exemplo. Os novos termos do debate podem ter sido apresentados pelo chileno José Joaquín Brunner:

Existe una tesis que sostiene que la modernidad se impuso en América Latina como un artificio, una mentira; en cualquier caso como una constelación cultural superpuesta a una realidad más real de Latinoamérica, la profunda, indígena, ancestral, ‘macondiana’. De seguro, aquí residiría su sustrato más auténtico. [...] Según esta tesis, para ser modernos nos faltó casi todo: reforma religiosa, revolución industrial, burocratización en serio del Estado, empresarios shumpeterianos y la difusión de una ética individualista, procesos que recién producidos hubieran hecho posible, después, la aparición en estas latitudes del ciudadano adquisitivo que produce, consume y vota conforme a un cálculo racional de medios y fines (1992, p.121).

No que tange aos estudos sobre a cultura latino-americana, a importação e o emprego de categorias teóricas formuladas a distância já se mostram mesmo como

resultado da miopia histórica e do recalque das elites formadoras de opinião, como no Brasil perceberam Flora Süssekind (1990) e Roberto Schwarz (2000). Homi Bhabha, o crítico indo-britânico, em *O local da cultura* (1998) elabora bons argumentos para a nossa circunstância atual quando conclui que no *terceiro mundo* a noção de progresso é distinta da inglesa, por exemplo. Em nossos países, o signo da modernidade nos chega por intermédio do rádio, da televisão, dos quadrinhos e quando muito do cinema e da Internet. Ele sentencia que nós apenas *ouvimos falar* da modernidade, nunca a sentimos ou a vivemos, salvo nas relações catárticas que mantemos com a representação dos meios de comunicação de massa.

Inúmeros autores latino-americanos emitiram comentários idênticos, entre eles, Carlos Monsivais, Beatriz Sarlo, Guillermo Bonfil Batalla, Nestor García Canclini e Renato Ortiz, entre muitos outros. Quando Jesus Martín Barbero estudou a relação entre o romance de folhetim no século XIX na América Latina, o cinema melodramático no início do século XX e a conformação de uma imaginação nacional que nos inseria, quase que por contrabando, no concerto dos países com imaginação moderna, aclarou o modelo de racionalidade que desenvolvemos:

Por más escandaloso que suene, es un hecho cultural que las mayorías en América Latina se están incorporando a, y apropiándose de la modernidad sin dejar su cultura oral, esto es, no de la mano del libro sino desde los géneros y las narrativas, los lenguajes y los saberes, de la industria y la experiencia audiovisual. [...] Lo que entonces necesitamos pensar es la profunda compenetración –la complicidad y complejidad de relaciones- que hoy se produce en América Latina entre la oralidad que perdura como experiencia cultural primaria de las mayorías y la visualidad tecnológica, esa forma de ‘oralidad secundaria’ que tejen y organizan las gramáticas tecnoperceptivas de la radio y el cine, del vídeo y la televisión. Pues esa complicidad entre oralidad y visualidad no remite a los exotismos de un analfabetismo tercermundista [...] (MARTÍN-BARBERO;REY, 1999, p. 34)

A despeito dos ramos interpretativos que surgiram a partir dos números da pesquisa quantitativa realizada nos diários *Correio Braziliense*, *Folha de São Paulo*, *O Globo* e na revista *Cult*, as conclusões mais pontuais são no sentido de que a imprensa

brasileira ainda em 2004 e se pode dizer que ainda em 2011 reproduzia uma ordenação noticiosa de viés dependente ou mesmo colonizada, tal como sugere Masao Miyoshi (2010). Essa idéia surge devido a que se nas editorias de política e economia se explicaria essa propensão a obedecer aos ditames noticiosos dos países centrais, no caso das manifestações culturais, em princípio, deveríamos seguir antes o gosto, que tende a alinhar-se com estímulos que provocam o reconhecimento. Não obstante, na imprensa *tematizam-se* uns *em relação* com os outros, demonstrando o caráter condicionado e convergente dos discursos contemporâneos, com vistas à formação de uma imaginação consensual que propicie a manutenção do equilíbrio cognitivo. Se uma tal conclusão era possível há quase dez anos, não cremos poder confirmá-la agora sem aditar valores que impliquem na ingerência de novos enunciados no jogo de forças em busca da representação discursiva, elemento central no atual formato de sociedade.

Referências Bibliográficas:

- BHABHA, Homi. O local da cultura. Trad. de Myriam Ávila et. al.. Belo horizonte: UFMG, 1998.
- BLOOM, Harold. **The Western Canon: The Books and Schools of the Ages.** Nova York: Oxford University Press, 1994.
- BONFIM, Manuel. **América Latina: males de origem.** São Paulo: Companhia das letras 1993.
- BRUNNER, José.Joaquín. **América Latina, cultura y modernidad.** México: Grijalbo/Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1992.
- CASTAÑEDA, Jorge. **La utopia desarmada.** Intrigas, dilemas y promesas de la izquierda en América Latina. México: Joaquín Mortiz, 1993.
- FANON, Frantz . **Os condenados da terra.** Trad.de Antonio José Massano. Lisboa: Ulmeiro, s/d
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **Visão do paraíso.** São Paulo: Brasiliense, 2000.
- HUNTINGTON, Samuel. **The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order.** Nova York: Simon and Schuster, 1996.
- JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo.** A lógica do capitalismo tardio. São Paulo, Ática, 1997.

- MARTÍN-BARBERO, Jesús.; REY, Germán. **Los ejercicios del ver.** Hegemonía audiovisual y ficción televisiva. Barcelona: Gedisa, 1999.
- MIGNOLO, Walter. **Historias locales/diseños globales.** Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Trad. de Juan Maria Madariaga e Cristina Veja Solis. Madri: Akal, 2003.
- MIYOSHI, Masao. **Trespasses.** Selected Writings. Durham/Londres: Duke University Press, 2010.
- O'GORMAN, Edmundo. **La invención de América.** México: FCE, 1958.
- RAMA, Angel. "Um processo autonômico: das literaturas nacionais à literatura latino-americana". *Argumento*, São Paulo, ano 1. n. 3 (janeiro 1974).
- RODRIGUEZ, Simón. "Sociedades americanas em 1928". IN: RODRIGUEZ, Simón. **Escritos de Simón Rodríguez.** Caracas: Sociedad Bolivariana, 1954, vol. I.
- SAID, Edward. **Orientalism.** Nova York: Pantheon Books, 1978.
- SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo.** São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.
- _____ **Que horas são?** São Paulo: Companhia das letras, 1997.
- SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ZAID, Gabriel. **Los demasiados libros.** México: Océano, 1996.

